

# Diferenças e semelhanças entre Porto de Galinhas-PE e Pipa-RN: turismo e migração na construção de identidades culturais

Priscilla Carla Leite MARQUES<sup>1</sup>

**Resumo:** A intenção desse artigo é discutir como a migração que ocorre para as praias do nordeste brasileiro, vistas como paradisíacas, o que as torna badalados balneários turísticos, transforma suas identidades culturais, uma vez que é notável o hibridismo cultural que se desenvolve nesses locais. Percebe-se também e vem sendo relevante compreender que essa situação acontece em muitos desses destinos litorâneos da região nordestina, o que faz esses lugares se assemelharem bastante por conta desse fenômeno. Os migrantes terminam por se instalar nesses locais, desenvolvendo equipamentos e serviços turísticos, trazendo à tona sua cultura, mesclando sua identidade a identidade do local, tornando-a diferenciada, mas, ao mesmo tempo, homogênea aos demais destinos que passam por processos similares. Utilizou-se como método o trabalho de campo com ênfase na observação participante. Duas destinações turísticas no litoral nordestino, Porto de Galinhas em Pernambuco e Pipa no Rio Grande do Norte, foram os locais fios condutores dessa análise, já que essas paridades já se deflagram de forma bastante consistente. Ambos os destinos possuem identidades culturais em processo de contínua configuração pautada no desenvolvimento do turismo, na migração e no intercâmbio cultural que esses dois fatores proporcionam.

**Palavras-chave:** Turismo. Migração. Identidade cultural. Balneários turísticos.

## Introdução

As praias no nordeste brasileiro são grandes atrativos turísticos do país. Paisagens paradisíacas, recursos naturais e culturais diferenciados, mares azuis de águas mornas fazem esses espaços serem o sonho de consumo e vida de inúmeros cidadãos em muitos lugares do mundo. Por isso mesmo, essas praias tornam-se lugares que se diferenciam por essa confluência de pessoas que circulam, se apaixonam, migram e se estabelecem fazendo um intenso intercâmbio cultural. A intenção desse estudo é discutir como essa migração ajuda na conformação da identidade cultural de alguns balneários turísticos nordestinos. Para a visualização dessa discussão dois destinos turísticos bastante badalados e estabelecidos no mercado turístico, Porto de Galinhas em Pernambuco e Pipa no Rio Grande do Norte, foram os escolhidos.

Essas praias, hoje balneários turísticos, tem sua história de desenvolvimento atrelada à migração que, por sua vez, se estabelece a partir dos deslocamentos turísticos (geralmente não comerciais). Os viajantes descobrem esses, até então, novos locais e impulsionados muitas vezes pela busca do paraíso perdido resolvem ficar, fixar residência. Como afirma Trigo (2013), o Brasil “[...] possui laivos paradisíacos, o que reforça o orgulho nacional e atrai estrangeiros interessados em experiências instigantes” (p.119). A experiência é tão expressiva que, comumente, esses visitantes viram migrantes e muitos desses indivíduos

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo e Mestre em Antropologia pela UFPE. Gestora de Qualificação Turística da Secretaria de Turismo e Lazer do Recife e Professora do curso de Turismo da UNINASSAU. Email: priscillaclm@gmail.com

terminam por se relacionar com esse novo movimento econômico que se instituiu, o turismo. Muitos deles abrem empreendimentos como pousadas, privês, restaurantes, bares, além de compor o quadro de trabalho informal, atuando como ambulantes.

Nota-se também que essa trajetória de constituição de um lugar com uma identidade tão híbrida não ocorre somente em uma localidade, como um fenômeno isolado, mas em muitos dos destinos turísticos litorâneos do nordeste brasileiro como Itacaré e Morro de São Paulo na Bahia, Praia do Francês e Maragogi em Alagoas, Porto de Galinhas em Pernambuco, Pipa no Rio Grande do Norte, Canoa Quebrada e Jericoacoara no Ceará, entre outras praias, mesmo que ainda de forma bastante sazonal.

É objetivo também desse estudo analisar como a identidade que esses balneários possuem por conta dessa migração constante gera, de certa forma, uma homogeneidade nesses destinos. Não importa sua localização espacial, as influências e interferências dos migrantes que se imbricam nos costumes e comportamento local fazem algumas praias serem bastante semelhantes umas às outras.

Para iniciar essa pesquisa, fez-se um estudo comparativo entre as duas praias citadas acima. Porto de Galinhas, povoado do município de Ipojuca, localiza-se a 65 km da capital pernambucana, Recife. Configura-se no principal destino turístico do estado, sendo considerada por diversos veículos de comunicação uma das melhores praias do Brasil. Possui seis praias, atingindo diversos públicos, dos mais sofisticados que preferem um resort, ao menos exigentes que preferem um camping.

Sabe-se que a partir da década de 70 a região foi loteada dando início ao processo de torná-la uma praia de veraneio. Somente na década de 90 começa seu desenvolvimento turístico, a partir da dedicação de seus empreendedores, que já instalados na região, pressionaram o estado, pois precisavam que houvesse um investimento do setor público em relação à infraestrutura básica e de acesso para que o lugar pudesse atrair mais visitantes.

Possui uma beleza cênica singular com as piscinas naturais que se formam na praia que nomeia o lugar, possibilitando o passeio de jangada, um de seus principais serviços turísticos. Seu litoral se estende por 18 km que se traduz em paisagens bastante diferenciadas. Somente o centro do balneário possui mar calmo. Excetuando a grande piscina natural que se forma em Muro Alto, uma das praias do local, as outras praias possuem mar agitado, indicado para a prática do surfe e do kitesurfe. O pontal de Maracaípe também se destaca, pois, por ser na foz do Rio Maracaípe, permite a prática de outras atividades esportivas como o caiaque e o *stand up paddle*.

Além das belezas naturais, o balneário nos dias atuais possui uma variada oferta turística com bares e restaurantes de cozinhas locais e internacionais, comércio diversificado, não somente turístico, casas noturnas, grandes resorts, pousadas de chame e temáticas, casas de temporada entre outros equipamentos.

“Note-se, entretanto, que Porto de Galinhas é um típico fenômeno de mercado turístico que evoluiu indiferentemente a planos ou projetos oficiais. Simplesmente foi crescendo para atender a uma progressiva demanda natural [...]” (Mendonça, 2004, p.78).

Já a praia de Pipa, localizada a 88 km de Natal, capital do Rio Grande do Norte, desenvolveu-se turisticamente a partir da década de 80. No final da década de 70, foi descoberta pelos surfistas que buscavam novas praias para a prática do esporte. Justamente por suas características físicas e naturais, atrai até hoje um grande grupo de visitantes em busca de atividades esportivas, contudo também tem atraído o público jovem por conta de sua famosa badalação noturna, com muitos bares, restaurantes e boates, com temáticas das mais variadas, explorando tanto a cozinha típica como também a internacional.

Pipa pertence ao município de Tibau do Sul e possui um litoral com 16 km de extensão. Possui parque ecológico e passeios de barcos para ver os golfinhos presentes em seus mares fazem parte de sua oferta turística. O destaque geomorfológico da região é a presença das falésias, produto de processos erosivos naturais, originando paredões rochosos altos e abruptos, ao longo desse litoral, dando à localidade uma característica peculiar que reforça, desse modo, e agrega valor ao produto sol e mar vendido.

Além disso, dispõe de uma variada hotelaria, com equipamentos para diferentes públicos que o balneário termina por atrair. São hotéis, flats, privês e pousadas construindo um sólido setor na praia. Os serviços turísticos ligados a passeios e atividades esportivas também estão bastante aquecidos no local, com diversas agências e grupos de guias desenvolvendo variadas atividades, ajudando Pipa a se conformar como um grande produto turístico.

Ambos os destinos recebem muitos turistas nacionais e internacionais e possuem equipamentos e serviços turísticos dos mais variados segmentos. É considerável a presença de pessoas de outras origens como donos e funcionários de muitos dos empreendimentos locais.

Entretanto, esses dois lugares passam por processos diferentes de migração. Porto de Galinhas, por se aproximar do Porto de Suape, nos últimos cinco anos tem recebido um número expressivo de novos moradores que atuam no terminal, reconfigurando sua identidade. Parece que o povoado ganha ares de cidade grande, deixando ainda mais embaralhada sua identidade cultural. Em Pipa, esse hibridismo cultural é mais contundente e visualizável, pois até os ambulantes da praia são estrangeiros e vendem produtos ligados às suas origens.

Os trabalhos de campo que serviram para coletar o material para essa análise foram realizados no mês de maio de 2014, nos finais de semana, mês considerado de baixa estação, mesmo que esses destinos não sofram mais com os efeitos negativos da sazonalidade por terem se consolidado também por diversificarem seu mercado. A pesquisa em Pipa foi realizada em quatro dias, em um feriado, o do dia 1º de maio, e a pesquisa em Porto de Galinhas realizou-se em dois fins de semana distintos, 17 e 18, 24 e 25 de maio.

Nos anos de 2008 (em Porto de Galinhas) e de 2010 (em Pipa) foram realizados estudos exploratórios preliminares que permitiram que esses destinos fossem escolhidos como os primeiros a serem comparados. Todavia, para legitimar a hipótese levantada, de homogeneização das identidades culturais dos balneários turísticos nordestinos, há a intenção de incluir outros destinos no estudo em um momento posterior.

Foi utilizada como metodologia base a observação participante, empregando-se conversas informais com os moradores locais, sendo eles migrantes ou não, para coletar os dados. Relevante ressaltar que a observação participante se mostrou uma excelente ferramenta por permitir ao pesquisador se comportar como um visitante comum e, dessa forma, se relacionar de maneira mais próxima aos interlocutores que conformam a identidade nos destinos estudados. Muitas vezes, ao assumir a postura de pesquisador, percebe-se uma falta de sinceridade e naturalidade por parte dos atores em campo, prejudicando a coleta de dados das pesquisas.

### **Diferenças e semelhanças...**

Destacar a identidade cultural de um destino turístico tem se tornado uma eficiente estratégia de marketing em tempos de globalização, mesmo que nem tenha sido pensada como tal. Ofertar personalidade e características próprias a um lugar termina por fazê-lo interessante e curioso, qualidades que fazem um destino se destacar entre os demais provocando sua procura.

Contudo, o que se vê, cada vez mais, são destinos turísticos com identidades culturais reconfiguradas e estabelecidas a partir do processo de turistificação que transforma o espaço comum em um espaço de encontro. As identidades desses locais só começam a serem conformadas com o confronto com uma outra que o visitante traz. Como afirma Woodward (2000), a identidade cultural é relacional e marcada pela diferença.

Os estudos sobre transnacionalidade complementam essa discussão tendo como questão central “a relação entre territórios e os diferentes arranjos socioculturais e políticos que orientam as maneiras como as pessoas representam pertencimento a unidades socioculturais, políticas e econômicas” (Ribeiro, 1997, p. 02). As identidades, desse modo, se configurarão na atualidade pautada por essa questão. É no indivíduo e na sua relação com os espaços que as identidades tem se conformado. Com a fluidez de fronteiras e com as consequências da globalização, os espaços não conseguem ser os únicos marcadores de identificação social e cultural, dificultado aos indivíduos e grupos culturais construir sua identidade somente pelas características territoriais do espaço vivido.

Somam-se a isso as contribuições teóricas sobre mobilidade que refletem pensamentos que tentam compreender a fluidez do movimento das pessoas no mundo, a construção de fluxos constantes e, ao mesmo tempo, desconexos (Coriolano e Fernandes, 2014). As mobilidades ligadas às atividades turísticas são pontuadas por demandas temporais. Sendo elas definitivas ou sem prazo, essas mobilidades serão entendidas como migrações.

A migração contribui decisivamente para a construção dessa identidade híbrida e múltipla que os balneários turísticos do nordeste brasileiro parecem possuir na atualidade. Essa migração é um fenômeno diferenciado daquele retratado em inúmeros estudos. Tema discutido e estudado por vários segmentos das ciências humanas, a migração é entendida basicamente como uma ação de “mecanismo gerador de equilíbrio para economias em mudança” e de “mobilidade forçada pelas necessidades do capital” (Coriolano e Fernandes,

2012, p.04), compreensão que não dá conta do fenômeno a ser estudado nas praias nordestinas.

Esses migrantes não são refugiados, não migram por obrigação, por questões econômicas, mas por opção, pela busca de uma vida diferenciada que julgam encontrar nesses destinos que tem no meio ambiente natural e na cultura sua distinção, fortalecendo as teorias de uma corrente de estudo das migrações que defendem a migração como uma escolha pessoal e não uma determinação social e econômica.

A história dos migrantes presentes nos balneários em estudo se assemelha bastante, sejam eles empreendedores ou artistas. Viajam em busca de novidades, novas experiências e percebem que esse novo lugar pode lhes proporcionar uma vida diferenciada. Para Ribeiro (1997, p.21), usando autores como Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc, os migrantes que “desenvolvem e mantêm relações múltiplas - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas - que cruzam fronteiras (...) e que forjam e sustentam relações sociais multi-entrelaçadas que unem suas sociedades de origem com a de residência” são chamados de transmigrantes. Entretanto, essa nomenclatura carrega uma caracterização que não corresponde à realidade de Pipa, mas corresponde a um grupo de migrantes que residem em Porto de Galinhas, profissionais especializados para atuarem em grandes projetos e empreendimentos, “os bichos-de-obra.

Em Porto de Galinhas, além dos profissionais que trabalham no Porto de Suape, os migrantes, na sua maioria, tornaram-se proprietários de pousadas e restaurantes. Nota-se que além de uma vida diferenciada, a exuberância da natureza do lugar lhes proporcionará ganhos financeiros também, pois há a certeza que muitos vão querer conhecer esse paraíso como eles fizeram, ou seja, por conta desse potencial turístico, os migrantes viram empresários no local por perceber que haverá retorno no investimento realizado, muitas vezes, de toda uma vida, já que muitos se desfazem de tudo e sua terra natal para investir no novo local.

Já em Pipa, apesar de ter muitos migrantes empresários, nota-se de forma contundente que muitos deles são ambulantes e levam suas influências na venda de seus produtos. Na praia, há argentino vendendo empanada, típica comida de seu país de origem.

Essa confluência de elementos exógenos com endógenos é muito presente em Pipa. Para Santos (2010, p.35), “a identidade étnica é uma construção por oposição, constantemente negociada”. Percebe-se que os elementos culturais locais se misturam aos trazidos pelos migrantes que nem sempre são estrangeiros, há migrantes de outras regiões e estados do Brasil, conformando uma identidade diferenciada ao balneário. Os migrantes e turistas se misturam na praia. Há a presença marcante de jovens estrangeiros, mas a praia também é bastante frequentada por brasileiros.

A gastronomia é um elemento importante na conformação da identidade cultural de um lugar. Há uma referência com a gastronomia nordestina e litorânea em Pipa, mas o que mais se destaca na localidade é a presença das cozinhas de diversos outros lugares com destaque para a italiana e francesa. O sorvete que é um produto típico dos cenários tropicais também reflete esse hibridismo. Além dos sabores dos alimentos e frutas locais, há sabores

típicos de outros lugares como o alfajor, doce de origem argentina. Talvez seja para agradar aos turistas – há muitos visitantes da região do Rio da Prata – ou ajudar a amenizar a saudade dos que migraram e minimizar as diferenças alimentares encontradas, ou ainda somente por estar na moda.

Os espaços de alimentação também incorporam os elementos culturais que circulam devido à globalização. Há restaurantes com cozinha japonesa, italiana, francesa, argentina, com duas ou três cozinhas num só espaço. Há uma área de paraíso tropical que é reproduzido em muitos locais litorâneos. Criaram-se elementos que identificam esses espaços em todo mundo, contudo, eles pertencem a um determinado lugar, como é o caso das casinhas brancas nas ilhas gregas. Em Pipa há restaurante explorando essa temática, para que muitos visitantes entrem no clima de praia e se sintam familiarizados. Como muitos destinos litorâneos no Brasil adotam esse modelo, notam-se muitas praias com similitudes, independentemente de onde se localizem.

Na realidade, em Pipa, há uma grande mistura. Existem lugares com forte inspiração de praia nordestina, explorando no seu cardápio e decoração os produtos litorâneos do nordeste brasileiro, como há espaços com características globais de cenários construídos pela mídia em conformidade com o ideal de balneários paradisíacos. Isso se dá também por entender que há um público bastante diverso buscando essas praias.

Já em Porto de Galinhas a construção dessa identidade está em constante reconfiguração. Apesar de ter passado pelo mesmo processo de turistificação que Pipa e do qual muitos outros destinos sofreram, Porto de Galinhas hoje, por conta do crescimento do Porto de Suape, localizado a 10 km, recebe muitos migrantes que ali moram não pelas belezas que o lugar possui, mas pela comodidade de estar em um lugar bacana bem perto de seu trabalho. A praia que antes tinha ares de paraíso tropical, atualmente já parece uma cidade com avenidas largas e pavimentadas, além de supermercados.

Não há como distinguir os migrantes e turistas, pois os espaços são frequentados por todos. A presença de estrangeiros não é notada de imediato, pois não são ambulantes e nem atuam no *front office* dos serviços. Muitos deles gerenciam seus negócios e essa posição não é de fácil visualização no campo. Os residentes locais e da região do entorno ocupam os cargos ligados aos serviços turísticos. Em Porto de Galinhas os sotaques se misturam, mas para aqueles que prestam os serviços aos turistas, que atuam no operacional da atividade, a sonoridade do sotaque nordestino é bastante presente. Só se visualiza pessoas de outras origens em serviços bem específicos como o mergulho. Nem o aluguel dos equipamentos ligados aos esportes náuticos fica a cargo somente dos migrantes, os nativos já ofertam também esses serviços. Como Porto de Galinhas se estabeleceu como um dos principais destinos litorâneos do Brasil percebe-se que não só os migrantes se aproveitaram dessa situação, mas principalmente os moradores locais que antes ocupavam somente o controle dos serviços de buggy e jangadas hoje já dão conta de muitos outros equipamentos e serviços turísticos.

O migrante que vem a Porto de Galinhas por ser funcionário de Suape é um migrante interrompido, ou melhor, um turista por acidente. Eles ocupam os leitos de pousadas e

hotéis, muitas vezes sabem que não ficarão ali por muito tempo – em realidade não sabem quanto tempo ficarão – usufruem de tudo que o balneário tem a oferecer, se relacionam com o espaço e as pessoas e por isso mesmo terminam por se encontrar numa posição de liminaridade, bagunçando ainda mais o hibridismo cultural que o lugar apresenta. Como a migração tem motivação diferente dos antigos migrantes que foram a Porto no início de seu desenvolvimento turístico, torna-se mais difícil mensurar a contribuição deles ao processo de reconfiguração constante da identidade do balneário.

Constata-se, então, que ambos os destinos passaram por esse processo de migração e essa migração contribui de forma decisiva na construção da identidade cultural desses locais. Essa identidade, por sua vez, é múltipla, é híbrida e se refaz continuamente não só pelas influências dos migrantes, mas também pelo turismo, pela própria globalização e pela natureza da cultura humana mutável. Hall (1997) coloca que não somente as identidades culturais estão se redefinindo. Por conta da grande exposição que muitas regiões vivem devido às variadas conexões que se estabelecem com outras regiões, mudam-se também as instituições sociais. Concorda-se com Santos (2010) quando ela afirma que a identidade é um processo, e como processo se constitui de constantes etapas negociadas, permanentemente construído e reconstruído nas trocas simbólicas sociais.

Entretanto, como essas praias são afetadas pelo mesmo tipo de processo, terminam construindo identidades culturais bastante semelhantes. É difícil distingui-las, pois ambas são híbridas e com poucos marcadores de identidade que as diferencie. Diferentes de destinos próximos a ambas as praias como Recife e Natal que possuem marcadores claros de suas identidades culturais mesmo sendo capitais.

É inegável ainda que esses migrantes ao se instalarem nesses destinos não negam suas identidades individuais. Esse hibridismo sempre ocorre por que há uma fusão dos traços locais aos dos migrantes, conformando uma nova identidade. Em alguns destinos existe uma predominância de migrantes de algum lugar em específico, como ocorre em Pipa, com os migrantes de origem argentina. No balneário não há somente migrantes argentinos, mas muitos turistas argentinos também, fazendo a língua espanhola ser bastante ouvida no local e seus hábitos e costumes serem incorporados ao cotidiano local.

A preocupação talvez fosse que houvesse uma aculturação, como muito teóricos afirmam existir por conta do efeito demonstração, termo cunhado para caracterizar o processo pelo qual as sociedades receptoras têm em adotar o comportamento dos turistas, mais descontraídos e hedonistas (BURNS, 2002), comum nos impactos socioculturais apresentados pelo turismo massivo, o que não acontece em uma via direta e simétrica nos dois destinos abordados. Nota-se que a identidade cultural desses lugares se constrói do imbricamento de variadas identidades. Elas não se sobrepõem umas às outras, elas se somam.

Isso também se deve ao tipo de migrante que ambos os balneários receberam. São pessoas que tem interesse no intercâmbio cultural, inclusive, para alguns os aspectos culturais também influenciaram na decisão de permanecer nas praias, pois há algo para se aprender e se viver, essa cultura é algo ainda intocado, pouco explorado e quase não

modificado. É como se o pouco desenvolvimento do local tornasse-o mais puro e natural, aspectos que muitos viajantes levam em consideração ao realizar seus deslocamentos.

Um grupo de migrante bem conhecido desses destinos são os hippies, presença comum nas localidades turísticas. Atuando geralmente como ambulantes de artesanato, esse grupo errante contribui decisivamente nessa homogeneidade dos destinos pela repetição de sua presença e comportamento. Como é um grupo que não para de migrar, essa errância e circulação pode ajudar mais ainda nas similaridades encontradas em alguns destinos, sendo os hippies esse vetor de transferência cultural e identitária. Nos dois destinos estudados notou-se a presença desses grupos. Contudo, é relevante ressaltar que eles estão presentes não somente nos destinos litorâneos, mas em todos aqueles que ofertem condições para sua permanência e sustento.

### **Considerações Finais**

Apesar de ser uma coleta primária e de haver bons dados do campo, a pesquisa ainda encontra-se em sua fase inicial. Faz-se necessário uma imersão maior nos balneários, com uma pesquisa sistematizada utilizando também a entrevista aos migrantes e nativos. Ainda em seu estado empírico, a pesquisa nos leva a ver diversos aspectos que permitem entender que a identidade cultural desses locais reflete as transformações do mundo globalizado. Por serem ainda conclusões incipientes, é relevante destacar que a pesquisa deve se estender por outras praias do nordeste brasileiro.

É evidente que essa mistura identitária dificulta o trabalho dos gestores da atividade turística e dos operadores turísticos que não conseguem fechar uma imagem distinta de cada um desses destinos. Como diferenciá-los? Como torná-los únicos? Onde está a singularidade do destino? Morgan (2002), estudando as estâncias turísticas da Europa, coloca que para certos destinos ser homogêneo é uma estratégia interessante para atrair aquele público que busca familiaridade de seu ambiente habitual no destino visitado, o que nos leva a refletir sobre a precisão dessa distinção de identidade.

O desafio, então, é entender que essa identidade é, ao menos, dual e tentar trabalhar com isso. Marques (2009) explica que

a dualidade de se ter uma identidade global ou local, na verdade, parece não existir no confronto, mas na interseção. As identidades culturais nesses destinos nem são apenas globais, nem apenas locais. Podem ser entendidas como globais, pois possuem elementos diversos e de variadas origens, e podem ser entendidas como locais, pois são construções próprias, específicas. Contudo, se melhor traduzem no meio e não nos extremos.

Mesmo sendo um problema a ser enfrentado por aqueles que atuam com marketing turístico, o hibridismo da identidade dos destinos turístico e sua homogeneidade não parecem ainda ser um problema insurgente da população desses locais. Não ficou claro no campo se essa população reivindica uma identidade própria, distinta, pois o que parece é que essa identidade só vem a surgir da definição da localidade refletida na atividade turística que lá se instalou. É como se antes de haver o encontro com a alteridade turística ou migrante, não se tivesse observado qual era e como era essa identidade.



Apesar das identidades dos locais estudados terem diversas semelhanças, dependendo de como essa migração se estabeleça, vão existir muitas diferenças. Observa-se que há homogeneidades no processo de turistificação e conseqüente migração que podem, em alguns momentos, gerar a homogeneização nas identidades culturais dos destinos em foco. Além disso, por ter atrativos turísticos variados, a atividade turística tanto em Porto de Galinhas como em Pipa termina por atrair um público bastante heterogêneo, que pode ou não perceber essas similitudes nas identidades dos destinos. Elencar os distinguês e as similaridades entre os destinos a serem estudados parece ser um caminho para refletir os objetivos propostos nesse artigo.

É importante também estabelecer uma revisão de literatura atualizada sobre as questões acerca dos temas identidades culturais, globalização, turismo, migração, transnacionalidade, etnicidade e mobilidade com a intenção de articular a ligação entre eles contribuindo para a construção de novos aportes teóricos que deem conta de compreender melhor a realidade atual.

Ainda para a compreensão da identidade que vem sendo construída continuamente nos destinos estudados, é necessário que se encontre os núcleos de migrantes que residem nas localidades e se faça uma etnografia que consiga descrever a relação dos grupos com o local, suas práticas culturais e seu modo de vida. Talvez, com esses dados consigamos elencar os componentes culturais que tenham significado para a formação de agora entendida como uma nova identidade.

Todavia, é relevante tentar vislumbrar na pesquisa como as trocas culturais do encontro com esse outro migrante interferem nas dinâmicas locais, ação complexa já que com a velocidade das mudanças nos tempos atuais separar o que veio antes se torna uma tarefa árdua que somente o trabalho em campo poderá realizar.

## **Referências Bibliográficas**

Burns, Peter M. (2002). Turismo e Antropologia: uma introdução. São Paulo: Chronos.

Coriolano, Luzia Neide Menezes Teixeira; Fernandes, Laura M. Marques. (2012). Migração Temporária e Mobilidade Sazonal no Turismo. Em Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo, São Paulo, 30 de ago e 01 set. 2012. Anais do IX Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi.

Coriolano, Luzia Neide Menezes Teixeira; Fernandes, Laura M. Marques. (2014). Da mobilidade do trabalho à mobilidade no turismo. ABET, v.4, n.1, 46-52.

Hall, Stuart. (1997). Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A.

Marques. Priscilla Carla Leite. (2009). Turismo, migração e globalização: analisando a construção de identidades culturais em destinações turísticas. Em Reunião de Antropologia do Mercosul, Buenos Aires, 29 de set a 02 de out. 2009. Anais da VIII Reunião de Antropologia do Mercosul. Buenos Aires: UNSAM.

Mendonça, Luis Carvalheira de (org.) (2004). A invenção de Porto de Galinhas: história, empreendedorismo e turismo. Recife: Persona.

Morgan, Michael (2002). Produtos homogêneos: o futuro das estâncias turísticas estabelecidas. Em Theobald, Willian (org.). Turismo Global. (2 ed). São Paulo: Editora SENAC SP.

Ribeiro, Gustavo Lins. (1997). A condição da transnacionalidade. Série Antropologia, Brasília, v. 223, p.1-34. Brasília: UNB.

Santos, Miriam de Oliveira. A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. (2010). Rev. Inter. Mob. Hum, Ano XVIII, n.34, 27-43.

Trigo, Luiz Gonzaga Godoi. (2013). A viagem – caminho e experiência. São Paulo: Aleph.

Woodward, Kathryn. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Em Silva, Tomaz Tadeu (org). Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes.